

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências
Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
CAPÍTULO 2	7
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
CAPÍTULO 3	18
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
CAPÍTULO 4	28
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
CAPÍTULO 5	38
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
CAPÍTULO 6	47
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
CAPÍTULO 7	62
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

CAPÍTULO 8	74
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9201926048	
CAPÍTULO 9	85
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9201926049	
CAPÍTULO 10	90
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
DOI 10.22533/at.ed.92019260410	
CAPÍTULO 11	104
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.92019260411	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260412	
CAPÍTULO 13	123
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.92019260413	
CAPÍTULO 14	129
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260414	

CAPÍTULO 15	141
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
Wellisson de Oliveira Camilo Jr	
DOI 10.22533/at.ed.92019260415	
CAPÍTULO 16	152
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Vanessa Elias	
DOI 10.22533/at.ed.92019260416	
CAPÍTULO 17	166
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
Martina Gonçalves Burch Costa Giovanni Felipe Ernst Frizzo	
DOI 10.22533/at.ed.92019260417	
CAPÍTULO 18	173
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Lilian Silva de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.92019260418	
CAPÍTULO 19	190
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
Giácomo de Carli da Silva Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260419	
CAPÍTULO 20	197
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
Fernanda Dias Coelho Ludmila Mourão	
DOI 10.22533/at.ed.92019260420	
CAPÍTULO 21	210
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
Andressa Regina Bissolotti dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92019260421	
CAPÍTULO 22	225
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
Maria Cecilia Takayama Koerich	
DOI 10.22533/at.ed.92019260422	

CAPÍTULO 23	231
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
CAPÍTULO 24	242
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho	
Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
CAPÍTULO 25	258
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Breenda Karolainy Penha Siqueira	
Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
CAPÍTULO 26	270
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel	
Nádia Laguárdia de Lima	
Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
CAPÍTULO 27	286
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco	
Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
CAPÍTULO 28	298
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa	
Walquirene Nunes Sales	
Driene N. Silva Sampaio	
Amanda C. Ribeiro Costa	
Gláucia C. Silva-Oliveira	
Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
CAPÍTULO 29	310
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges	
Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	

CAPÍTULO 30 317

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.92019260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 333

FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO

Martina Gonçalves Burch Costa

Escola Superior de Educação Física-
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas-Rio Grande do Sul

Giovanni Felipe Ernst Frizzo

Escola Superior de Educação Física-
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas-Rio Grande do Sul

RESUMO: Este texto faz parte da dissertação do mestrado intitulada “Futebol além das quatro linhas: um estudo sobre a formação ‘profissional’ das jogadoras do EC Pelotas/Phoenix”. Através deste tema nós iremos pontuar algumas peculiaridades que tivemos ao realizar uma pesquisa etnográfica no clube. O objetivo da pesquisa foi entender essas construções e conjunturas que atravessam as carreiras futebolísticas das jogadoras no sul do Brasil, mais precisamente na cidade de Pelotas/RS. Como conclusão, apesar da falta estrutural no futebol de mulheres na região, a sociabilidade e a paixão fazem com que elas driblem as dificuldades e acreditem numa futura carreira.

PALAVRAS-CHAVE: Profissionalização; Futebol de Mulheres; EC Pelotas/Phoenix.

ABSTRACT: This text is part of the master’s dissertation titled “Football beyond the four

lines: a study on the ‘professional’ formation of the players of EC Pelotas / Phoenix”. Through this theme we will punctuate some peculiarities that we had when conducting an ethnographic research in the club. The objective of the research is to understand these constructions and conjunctures that cross the soccer careers of the players in the south of Brazil, more precisely in the city of Pelotas / RS. In conclusion, despite the structural lack in women’s football in the region, sociability and passion make them dribble the difficulties and believe in a future career.

KEYWORDS: Professionalism; Women’s Football; EC Pelotas / Phoenix.

1 | INTRODUÇÃO

O futebol de mulheres foi marcado em sua história por períodos de ascensões e interrupções, porém não de ausência. Desmistificar esses conceitos é algo importante e deve ser cada vez mais realizado na nossa sociedade. As mulheres sempre lutaram para conseguir o direito igualitário, seja no meio esportivo, seja fora desse ambiente. E através desse ato de resistência das mulheres, é o que fez e faz com que elas pulassem as barreiras do preconceito e continuassem em determinados esportes mesmo que a sociedade não as

encarasse de uma forma natural. A fim de debatermos o tema, escolhemos a equipe do EC Pelotas/Phoenix para realizar a pesquisa, pois é o clube no qual possui sua relevância no estado por revelar jogadoras e também por obter o clube de futebol de mulheres há mais de 20 anos em andamento. Desta maneira, através da pesquisa etnográfica como instrumento para realizarmos esta pesquisa, investigamos: como ocorrem essas construções e conjunturas na formação de uma carreira futebolística no sul do Brasil.

2 | METODOLOGIA

A pesquisa caracterizou-se por um estudo de caráter etnográfico, onde acompanhamos durante o ano de 2017, a temporada esportiva da equipe de futebol de mulheres do EC Pelotas/Phoenix. Nesta equipe foi investigado a formação das atletas por meio da observação participante, diário de campo e de um roteiro com perguntas semiestruturadas com as jogadoras das categorias sub-15 e sub-17. No total, foram 27 presenças no campo. E estas presenças foram realizadas em dias de treinamentos, viagens e jogos.

Além da pesquisa etnográfica, também realizamos entrevistas semiestruturadas com 4 atletas do clube. Sendo elas, três atletas que disputavam as categorias sub-15, sub-17 e uma atleta que participava da parceria do clube com uma empresa que realiza intercâmbios com atletas.

As entrevistas foram realizadas no início do ano de 2018 na cidade de Pelotas/RS. No total, foram três entrevistas presenciais e uma não presencial. Para a realização da entrevista não-presencial foi utilizado o programa Skype, devido à jogadora não morar na cidade onde foi realizada a pesquisa.

3 | FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL

O futebol de mulheres surge no Brasil no ano de 1921, sendo disputado por duas equipes de bairros da cidade de São Paulo, na partida entre Senhoritas Cantareirenses contra Senhoritas Tremembenses (MOURA, 2003).

Porém, não demorou muito para o futebol se popularizar. Conforme iam acontecendo jogos pelo país e ocorrendo o aumento desta modalidade, principalmente chegando aos subúrbios das principais cidades, o público que desfrutava desse esporte também foi se modificando, tornando o seu jogo mais popular e conquistando o gosto das classes com menor poder aquisitivo.

Resultante desse crescimento dos jogos, a mídia começou a noticiar as partidas em que as mulheres estavam disputando. E isso fez com que os chamados “especialistas da época”, oriundos da tradição médica, comessem um movimento de não aconselhamento de determinadas modalidades esportivas, pois segundo

eles, as mulheres prejudicariam sua parte fisiológica e com isto, resultaria em não cumprir o seu “papel” atribuído socialmente. Durante este período no Brasil, houve uma contradição de pensamentos, entre aqueles que condenavam a atividade física para a mulher e outros que eram favoráveis.

“[...]os exercícios físicos estavam encarregados de dar aos corpos frágeis das mulheres, saúde para cumprir a ‘missão’ da maternidade e graciosidade e beleza para exercerem, a contento, seus papéis de esposa” (SOUSA, 1994, p.28-29).

Este movimento a favor da proibição de alguns esportes para as mulheres gerou efeitos e mudanças no país. Deste modo, no ano de 1941, se instituiu um decreto-Lei no qual não aconselhava a mulher disputar esportes incompatíveis com a sua natureza.

Em 1965 é implementando outro decreto-lei, no qual cita que “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e baseball” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.49)”. Ou seja, delimitando diversos esportes que as mulheres não poderiam praticar. Esse decreto foi implementado em 1965, período ditatorial no país (1965 até 1985), e só teria sua revogação no ano de 1979. Ou seja, enraizando quase quarenta anos de interdições e barreiras desses esportes no país. Podemos dizer que o futebol feminino no Brasil possui por volta de 40 anos de história oficial e legalizada.

Somente em 1979, com a revogação da resolução que impedia a prática desses esportes incompatíveis com as mulheres, foi o que fez com que elas tivessem o direito legal de poderem estar em campo e passar a “tentar” se organizar em times para a disputa de competições estaduais e nacionais. Com o fim da proibição, alguns clubes foram formados e posteriormente desfeitos. E é dentro deste contexto que o EC Pelotas/Phoenix nos chama bastante atenção, pois é um clube que existe a mais de 20 anos.

4 | EC PELOTAS/PHOENIX

Este departamento foi fundado na data de 25 de julho de 1996, sob a denominação de Esporte Clube Pelotas/Phoenix(EC Pelotas/Phoenix) ou “Lobas”, como são apelidadas por onde jogam. Lobas é um apelido em alusão ao símbolo do clube, o lobo. A criação do EC Pelotas/Phoenix aconteceu através do seu atual técnico/ coordenador da equipe. Desde a sua fundação, é o responsável por administrar e treinar o grupo das atletas do clube. Este técnico, além de treinar as jogadoras do EC Pelotas/Phoenix, também já obteve em seu currículo uma breve passagem como auxiliar técnico na seleção brasileira de futebol de mulheres na categoria sub-17. Essa passagem talvez abriu portas para que várias jogadoras do clube pudessem ser convocadas para a seleção nacional.

Por ser um clube que revela jogadoras, o EC Pelotas/Phoenix nesses últimos anos tem buscado investir nestas categorias mais jovens quando se trata das

mulheres no futebol. Atualmente, no ano de 2018, o departamento de futebol de mulheres contou com as categorias sub-13 e sub-15. Porém, quando começamos a realizar esta pesquisa, em março de 2017, o clube possuía além da categoria sub-15, também a sub-17. E também, analisando a sua trajetória, ele já possuiu a categoria das jogadoras adultas.

É um clube que se torna importante porque existe a mais tempo em atividade no Rio Grande do Sul, sendo um revelador de jogadoras não só para outros clubes, mas também para a seleção brasileira de futebol de mulheres. Já foram convocadas 25 jogadoras do EC Pelotas/Phoenix para as seleções brasileiras de base, sendo que 24 jogadoras foram convocadas após o ano de 2008, o que foi considerado um divisor de águas no clube, pois o time se sagrou campeão do Campeonato Estadual.

No entanto, apesar de ser um clube formador de atletas e de ter ganho alguns títulos no estado e região, ele assim como outros clubes no país, possui problemas financeiros e dificuldades na sua estruturação. Atualmente, o clube não disponibiliza salários para as suas jogadoras, sendo o sustento do departamento de mulheres feito através de patrocínios, convênios e principalmente, o apoio dos pais das atletas.

5 | ESTRUTURA DAS ATLETAS

O EC Pelotas/Phoenix conta na sua estruturação com um centro de treinamento denominado Parque Esportivo e Recreativo Lobão ou Parque Lobão, como é conhecido pela população local. Local onde as jogadoras do clube treinavam na maioria das vezes, raríssimos eram os treinos feitos no estádio da Boca do Lobo, estádio principal da equipe de futebol dos homens. Esse centro de treinamento é composto como estrutura física por: cinco campos de futebol, além de uma ampla área de lazer que o clube aluga durante o ano inteiro para a comunidade em geral.

O transporte para os treinamentos era feito através de um ônibus que a equipe das mulheres tinha que fretar para se locomoverem para os treinamentos. Esse dinheiro para pagar o veículo de transporte era coletado através de patrocínios e principalmente, da ajuda financeira dos familiares das atletas. O EC Pelotas possui um ônibus personalizado, todavia, é de uso exclusivo da equipe principal dos homens.

Uma das dificuldades encontradas, eram que algumas vezes os treinamentos coletivos eram realizados mesclando as atletas, em razão do baixo número de jogadoras disponíveis que o clube poderia contar durante os finais de semana. Em razão de obter um número muito alto de atletas de fora da cidade de Pelotas/RS, o clube se tornava completo somente em feriados ou véspera de campeonatos. Para isto, os pais das atletas do EC Pelotas/Phoenix foram um dos grandes facilitadores para que esse processo acontecesse. Como uma forma de ajudar o clube, os pais dessas atletas abrigavam em suas casas as jogadoras que vinham de fora da cidade. Ou seja, o clube ficava isento de ter que conseguir algum alojamento ou pagar alguma

hospedagem para elas. Os movimentos que ocorriam era de uma soliedariedade de alguns pais para hospedarem essas jogadoras.

Somatizando-se a isto, o departamento de mulheres também contou com dificuldades financeiras durante a temporada, fazendo com que as jogadoras tivessem que se organizar e pagar uma mensalidade para arcar com as despesas. Essa situação de pagar mensalidades, segundo o relato das jogadoras, não acontecia em anos anteriores. Apesar das dificuldades que esse clube pudesse enfrentar, encontrava-se uma maneira e as jogadoras ficavam isentas da contribuição financeira. Mas esse ano foi diferente, pois até equipamentos fundamentais do jogo estavam carecendo. Este valor da mensalidade custeava os deslocamentos das atletas em direção ao Parque Lobão, viagens do Campeonato Gaúcho, materiais e equipamentos novos no qual a comissão técnica utilizou no restante da temporada. Enfim, a situação financeira tornou-se um grande empecilho ao restante do ano.

Ou seja, as jogadoras se sacrificavam para obter uma (im)provável carreira futebolística. E digo isto, diante de toda a história das dificuldades da mulher ser reconhecida na modalidade e do nível existencial de profissionalização do futebol de mulheres na região e no país.

6 | FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Como no elenco existia uma heterogeneidade de características, algumas encaravam como uma futura carreira e outras poderiam encarar como uma oportunidade de divertimento, um espaço de lazer. Um ambiente onde o que faziam elas permanecerem, criarem raízes, não eram os vínculos contratuais e sim, os vínculos de amor, de amizade e de sonhos. Como presentes nesses relatos:

“Se não fosse o grupo, eu já teria saído antes do Pelotas. E aí toda vez que renovava a gente pensava, bah, que droga, vai todo mundo embora. Aí chegava o ano seguinte e tava 2, 3 e já chegava gente nova que chegava se enturmando”. (Entrevista, Daniela, 2018);

“Muitas gurias elas falavam que queriam ser jogadoras, mas também tinha uma boa parte que não queria sair do Pelotas por causa das amizades. Muito pelo convívio”. (Entrevista, Iara, 2018)

Além dessa diferenciação dos perfis das atletas, a sociabilidade era o que fazia com que as jogadoras enfrentassem os problemas estruturais do clube e continuassem jogando futebol naquela localidade. Essa sociabilidade gerava o sentido de pertencimento. De que as atletas estavam naquele local, por gostarem de estar no ambiente, gostarem da roda de convivência, além de amar a modalidade. Ou seja, permanecendo em um espaço onde encontrava pessoas semelhantes a elas.

“O futebol sempre foi muito mais que só um esporte, ele me proporcionou qualidade de vida. E a primeira pergunta que eu fiz quando cheguei ao médico foi se eu podia continuar jogando futebol. E aí ele falou que sim, vai ser ótimo que tu faça algum esporte, que tu pratique, vai ser bom pro teu nível de açúcar no sangue,

então isso tornou saúde pra mim. Isso tornou muito mais do que eu posso explicar". (Entrevista, Rafa, 2018)

Além de todas as barreiras que são impostas para a mulher praticar esta modalidade na sociedade brasileira, elas ainda continuam buscando uma carreira futebolística. Elas se reconhecem como jogadoras de futebol e se sentiam a vontade por permanecerem inseridas dentro de espaços como este, que tanto poderiam ser considerados amadores, por tudo que já foi exposto neste texto, mas que também poderiam ser considerados como um espaço profissional, pelo modo como algumas jogadoras encaravam o esporte. A linha que diferiam eles era tênue e mutável.

Apesar das jogadoras terem o sentido de pertencimento nos clubes e o sentimento que eram atletas de futebol, a ausência de oportunidades na modalidade gerava a culpabilização por parte delas. Essa culpabilização era resultante dos preconceitos em que a sociedade não encarasse de uma forma natural a mulher praticando este esporte. Desta forma, quando os clubes fechavam as portas para as jogadoras, elas isentavam eles dessa culpa. Como fica evidente nessa fala da jogadora:

Eu quero seguir jogando, mas é o querer e não saber como. Agora eu quero jogar, queria ter um plano que eu soubesse que daria 100 % certo, tar estudando e jogando ao mesmo tempo e crescer com isso. Só que a partir do momento que o time que eu jogo que é o único time de futebol de campo feminino que eu possa jogar que é o lugar mais perto que eu posso ir, ele acaba. Aí tu já pensa; como que eu vou seguir jogando? Como eu vou manter meus planos de seguir jogando? Não tem. (Entrevista, Cristina, 2018)

A ausência de clubes na região, como está expresso na fala da jogadora, nos evidencia a dificuldade que algumas mulheres encontram de ter uma oportunidade de disputar o esporte. Em razão de ter acabado a categoria, elas não tinham aonde jogar e essa ausência de um espaço, podia afastar não somente o sonho dela, mas de diversas outras mulheres de seguir na modalidade.

É o querer jogar e não saber aonde? É querer seguir jogando no clube, porém não saber se no ano seguinte iria existir a categoria. Enfim, parecia que a cada passo a frente, com uma maior visibilidade do futebol de mulheres no mundo, existiam dois passos atrás por parte da estruturação da modalidade no Brasil.

7 | CONCLUSÃO

Com a realização desta pesquisa alcançamos relatos importantes do futebol de mulheres do sul do país, mais precisamente das jogadoras do EC Pelotas/Phoenix da cidade de Pelotas/RS, que nos permite uma considerável compreensão acerca dos elementos que constituem a formação de atleta de futebol de mulheres, tanto no sentido das dificuldades como também nos desafios de seguir uma (im)provável profissão.

Dentre esses elementos, se destaca as questões relativas a estruturação dessas jogadoras, elas se sacrificavam com treinamentos, viagens, empenho, porém a

qualidade e a estruturação que elas estavam inseridas não eram as mais adequadas. Elas enfrentavam desde os campos esburacados dos campeonatos e treinamentos, até o preconceito social, onde as pessoas ainda não consideravam natural a mulher praticar o futebol como uma forma profissional.

A falta de oportunidades ainda afeta o desenvolvimento de diversas mulheres que desejam se tornarem atletas profissionais. Portanto, uma das saídas para desenvolver a modalidade seria uma nova formulação da estruturação do futebol. Pois, continuando com o retrato atual da modalidade, a sociabilidade e a paixão pelo que fazem serão os únicos motivos que explicarão essas mulheres persistirem neste esporte.

Por fim, acreditamos que uma das saídas para um maior desenvolvimento seja uma mudança estrutural e organizacional das entidades esportivas que comandam o esporte no país, se não houver essa mudança, acreditamos que se torne difícil ocorrer maiores oportunidades para as atletas no Brasil.

REFERÊNCIAS

BALLARYNI, H. **Por que a mulher não deve praticar o futebol.** *Revista Educação Physica*, Rio de Janeiro, v.49, p.52, dez., 1940.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas:Papirus, 1988.

LOBASECEPELOTAS. Disponível em: <<http://lobasecpelotas.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

MOURA, E. J. L. **As relações entre lazer, futebol e gênero.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). 2003.125f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2003.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994).** 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1994.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-292-0

